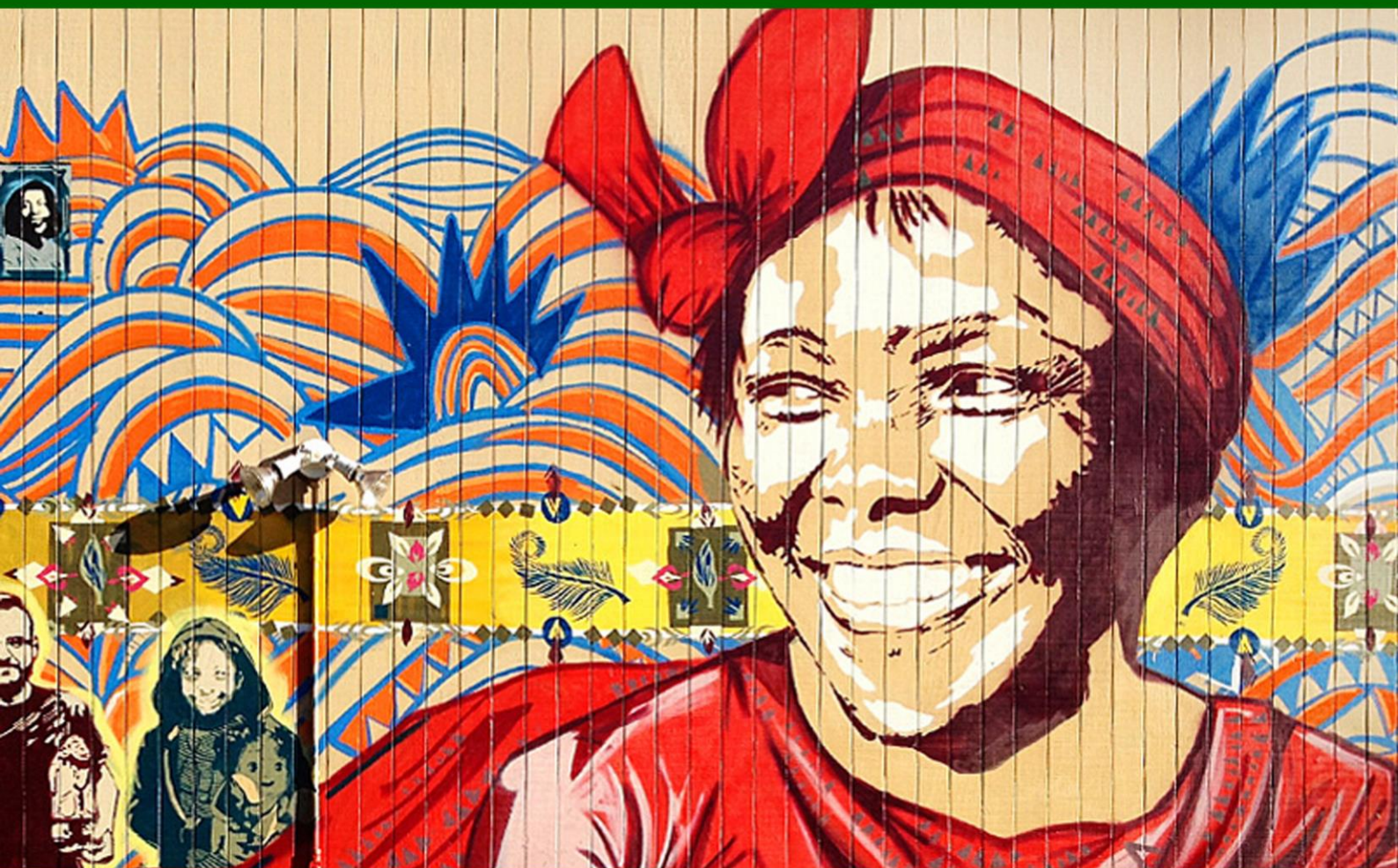


LIÇÕES DA MÃE ÁFRICA:

O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas



MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 19

LIÇÕES DA MÃE ÁFRICA: O EXEMPLO DAS MOBILIZAÇÕES AMBIENTALISTAS ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Fato largamente desconhecido pela opinião pública, está em curso no continente africano um dos mais memoráveis movimentos em prol da preservação do meio ambiente de que se tem notícia.

Enquanto pululam nos jornais e no noticiário da televisão as assustadoras - *e reais* - previsões relacionadas ao colapso da atmosfera, comunidades inteiras na África se atiram de corpo e alma em projetos de reflorestamento.

Tal apontamento está muito distante de ser um arroubo de oratória. Basta consultar os mais recentes relatórios da ONU referentes à *Campanha pelo Plantio de 1 Bilhão de Árvores*, lançada em 2006 durante a Convenção do Clima da Organização das Nações Unidas, realizada em Nairóbi, capital do Quênia.

Esta mobilização, organizada para responder ao anseio público mundial por ações concretas na questão das mudanças climáticas, teve seu sucesso assegurado pela notável performance de diversos países africanos engajados nas ações para combater o aquecimento global.

Como se sabe, as florestas possuem papel fundamental na regulação climática, pois absorvem dióxido de carbono, um carro-chefe dos chamados gases de efeito estufa (GEE). Combater o desmatamento é outra frente de grande importância, em vista de que a derrubada e queima da massa vegetal libera enormes quantidades de carbono, competindo inclusive com as emissões veiculares e das indústrias.

As árvores desempenham um papel crucial na oferta de produtos e serviços para população rural e urbana, uma pauta que inclui alimentos, madeira, fibras, remédios e energia, sem contar que asseguram a fertilidade para o solo, mantêm as reservas de umidade e contribuem para a conservação da biodiversidade.

A Campanha pelo Plantio de 1 Bilhão de Árvores, contando com apoiadores em todo o mundo, conquistou entretanto expressão peculiar no continente africano. A Etiópia, uma dos Estados mais antigos do mundo, não tardou em responder a este chamado em defesa do Planeta.

Pois então, o país foi responsável pelo plantio de 700 milhões de árvores em 2006, correspondendo a 69% do total do reflorestamento mundial em 2006. A este montante se somaram em 2008 outras 687 milhões de árvores. Ao longo dos últimos três anos, esta nação, de longa trajetória histórica e considerada um dos berços da civilização, acumulou um bilhão e 400 milhões de árvores plantadas.

Um feito de alcance indiscutível. E não se trata apenas de um esforço isolado dos etíopes. No Quênia, os cidadãos e cidadãs deste país plantaram 143 milhões de árvores, multiplicando o replantio, colorindo a paisagem de verde, protegendo os mananciais de água, controlando a erosão e detendo a ameaça do avanço da desertificação.

Outros países do continente deram seu quinhão para o sucesso da empreitada. Ruanda, um pequeno país da África Oriental, plantou 50 milhões de árvores. A Tunísia contribuiu com 22 milhões de árvores. O Marrocos, com mais 20 milhões.

Na África do Sul, o antigo bairro do Soweto, palco de duras lutas da resistência negra contra o *apartheid*, a Campanha Soweto Verde (*Green Soweto Campaign*), está transformando regiões assoladas por tempestades de areia em avenidas repletas de árvores, chamando de volta a umidade, dando sombra para os pedestres e transformando este bairro num verdadeiro oásis.

Acredita-se que esta comunidade alcançará com folga sua meta ambiciosa em plantar um milhão de árvores até dezembro deste ano. Assinale-se que mesmo países que atravessam dificuldades políticas internas, tais como a Somália e a Libéria, plantaram dois milhões de árvores cada um.

Estes feitos retratam uma interface raramente conhecida do continente, a saber, a existência de um movimento ambiental de base comunitária, enraizado na tradição cultural e religiosa ancestral, com forte inserção nas camadas populares da população.

Um dos expoentes deste ambientalismo de matiz africana foi Ken Saro Wiwa (1941-1995), considerado o Chico Mendes da África (Figura 1). Tal como o ambientalista brasileiro, Ken Saro-Wiwa ganhou notoriedade ao organizar mobilizações de cunho não-

violento contrárias à degradação ambiental promovida pela multinacional Shell na região do delta do rio Níger, terra natal de Saro-Wiwa.

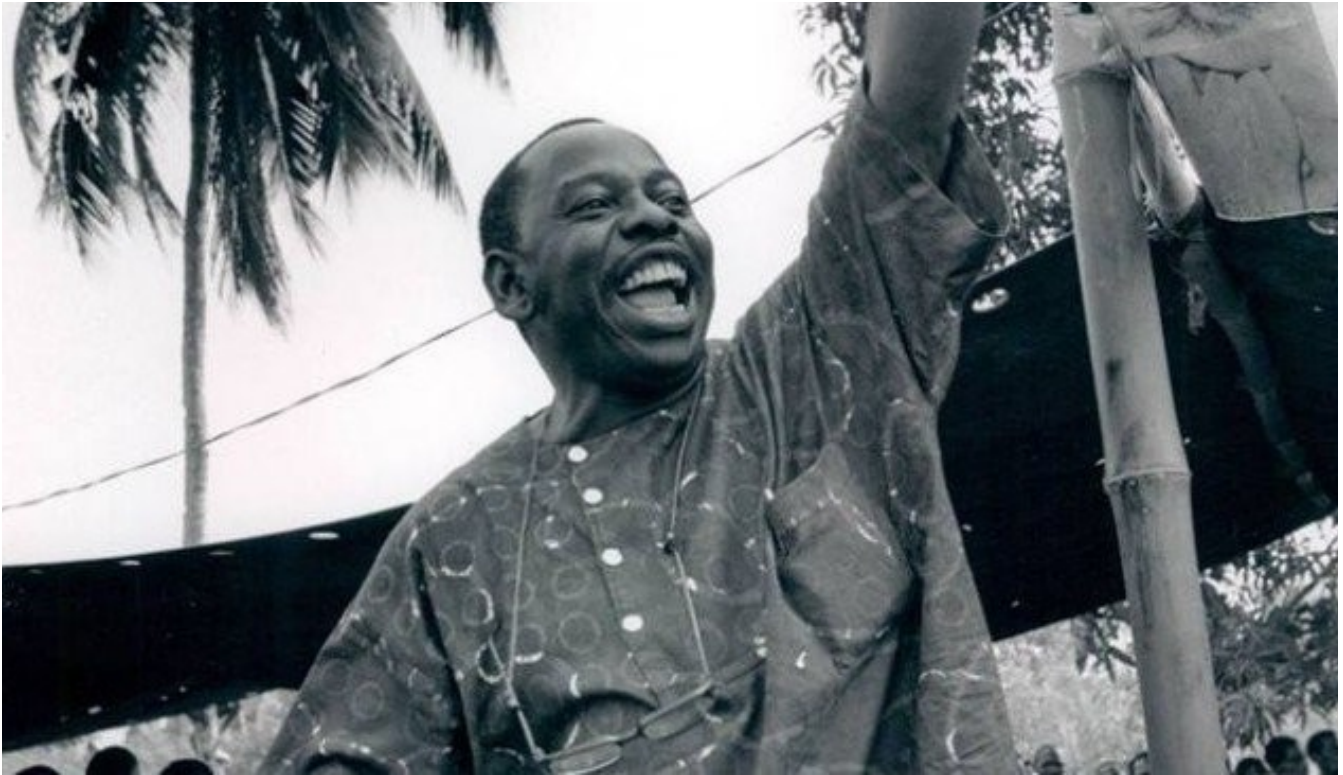


FIGURA 1 - Kenule Beeson “Ken” Saro-Wiwa, devotou sua vida ao ativismo ambientalista. Carismático e dotado de determinação incansável, Saro-Wiwa organizou mobilizações que chegaram a congregar 300.000 pessoas. Reconhecido internacionalmente, o ambientalista nigeriano foi laureado com duas prestigiosas condecorações ambientais: o *Right Livelihood Award*, no ano de 1994, e o *Goldman Environmental Prize*, em 1995 (Foto: < <http://www.goldmanprize.org/recipient/ken-saro-wiwa/> >. Acesso: 19-12-2017)

A adesão massiva conquistada por estas reivindicações, suscitou intempestiva reação da ditadura militar nigeriana, que prendeu o ativista, e após um julgamento denunciado como fraudulento, sentenciou-o à morte.

Contudo, a morte de Ken Saro Wiwa motivou protestos internacionais, isolando a Nigéria durante vários anos em diversos foros internacionais. Mais vivo do que nunca, Saro Wiwa continua a inspirar novas gerações de nigerianos em favor do equilíbrio ambiental, da democracia e justiça social.

Além de Ken Saro Wiwa, a galeria dos ambientalistas africanos exhibe nomes como o biólogo congolês René Ngongo, um conhecido defensor das florestas pluviais do seu

país e Baba Dioum, veterano ambientalista senegalês com larga participação em organizações internacionais.

Expoentes de posturas relacionadas com a conservação da natureza, estes ativistas pertencem a uma listagem facilmente passível de ampliação quando recordamos que a questão ambiental não se resume aos movimentos ambientalistas em seu *stricto sensu*. Na realidade, este relato não seria completo, nem sequer faria justiça à defesa do meio ambiente africano, descartando-se os comentários sobre a participação feminina no movimento ambientalista do continente.

Nesta vertente devemos recordar a atuação de Sidibé Aminata Diallo, professora universitária e economista do Mali, primeira mulher candidata ao posto de presidente do seu país em 2007. Atuando em conjunto com países vizinhos, o trabalho de Sidibé incentivou a criação de reserva transfronteiriça da biosfera, abrangendo trechos do Mali, da Guiné-Conacry e do Burkina Fasso.

Outro nome contemporâneo é a militante Dudu Mphenyeke, liderança de proa do movimento de direitos ambientais e civis da África do Sul, conhecida pelo seu trabalho junto à população pobre urbana em prol do acesso à água e eletricidade.

Já no temário das florestas, um nome relativamente desconhecido pelo público leigo seria digno de menção. Trata-se da militante ecologista Fátima Jibrell. Nascida no seio de uma família de nômades, esta ativista da Somália, além de criar a *Coalizão Feminina para a Paz* e ser uma das fundadoras do *Sun Fire Cooking* - movimento voltado para promover a difusão de fornos que operam com energia solar -, se notabilizou pela defesa das matas do seu país.

Particularmente, Jibrell lançou uma bem-sucedida campanha pela preservação das acácias, árvores centenárias que estavam desaparecendo em razão da atuação das carvoarias. Por sua determinação em defesa do meio ambiente, Fátima Jibrell recebeu diversos prêmios internacionais e apoios para seu projeto de popularização dos fornos solares, proposta de grande alcance numa nação que foi intensamente desmatada para atender a demanda por lenha e carvão.

Entretanto, nas lutas ambientalistas desenvolvidas em solo africano, implicando na reivindicação por uma sustentabilidade que implicitamente questiona as tecnologias hegemônicas e que de resto, propõem práticas de gestão comunitária, o destaque cabe à queniana Wangari Maathai (Figura 2).



FIGURA 2 - Wangari Maathai em uma das muitas fotos icônicas que marcaram a militância da ativista queniana (Fonte:Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 20-12-2017)

Em 1977, Maathai abandonou o cargo de professora universitária para voltar-se ao trabalho de motivar as mulheres do meio rural para a preservação do meio ambiente. Esta decisão foi o cerne do *Movimento do Cinturão Verde do Quênia*, iniciado com a semeadura de não mais que *sete árvores* em 5 de junho de 1977.

Após quinze anos, o trabalho de Wangari Maathai já havia resultado na distribuição de *sete milhões de mudas*, plantadas e protegidas por grupos formados por camponesas em 22 distritos de todo o Quênia.

Note-se que este trabalho não foi só de convencimento. Dia e noite, Maathai teve que enfrentar políticos corruptos e empresários ambiciosos interessados na destruição das florestas. Foi um embate no qual a ativista contou com o apoio dos estudantes universitários, ativistas ambientais e de amplas multidões de camponeses.

Em face do sucesso de sua iniciativa, esta catedrática, a primeira mulher contemplada com o título de PHD no seu país, foi laureada com o Prêmio Nobel da Paz de 2004, o primeiro a ser concedido a uma mulher africana e a um militante do meio ambiente.

Detentora de uma primorosa folha de serviços em defesa das florestas, Wangari Maathai inspirou e tornou-se em 2006, junto o Alberto II, Príncipe soberano de Mônaco, patrocinadora da *Campanha pelo Plantio de 1 Bilhão de Árvores*.

Viajando pelo mundo, sua voz foi ouvida em dezenas de países, motivando milhões de pessoas a aderir à Campanha. Sua fala repercutiu amplamente em todo o continente africano. Conforme foi registrado, neste ano, apenas a Etiópia respondeu por quase 70% do plantio do total mundial de mudas.

Note-se que até 2007, a África sozinha representou 60,4% de todo o reflorestamento mundial, contra pouco mais de 10% do total plantado pela Europa, 5,6% pela América do Norte e 24% pela América Latina.

Assim, alavancada pela África, a meta mundial de um bilhão foi rapidamente superada. Vitoriosa em 166 nações, a mobilização ampliou sucessivamente as metas propostas de reflorestamento para 2, 3, 4, 5 e 6 Bilhões de Árvores.

Nas vésperas da Conferência de 2009 sobre Mudança Climática da ONU em Copenhague (Dinamarca), acredita-se que sete bilhões de árvores, equivalentes a pouco mais de uma árvore por pessoa viva no Planeta, terão sido plantadas.

Trata-se de uma vitória fenomenal na história do ambientalismo internacional, cujo mérito se amplia quando sabemos que este resultado derivou em grande parte de iniciativas populares.

Na sequência, Maathai vislumbra outros alvissareiros cenários no avanço das florestas. Em data recente, agradecendo pelo apoio prestado à campanha pela presidente Ellen Johnson Sirleaf, da Libéria, a ambientalista pautou um novo patamar de mobilizações: o *Green World* (Mundo Verde), voltado agora para criar um cinturão verde global.

Um dos espaços de apoio para este plano seria justamente a África. Tomando por base a experiência acumulada no Quênia, a ideia é reforçar projetos em andamento de alastrar um vasto cordão de árvores atando Dakar, no Atlântico a Djibouti, no Índico, unindo o continente de uma ponta a outra (Figura 3).

Preservando o solo, os recursos hídricos e a biodiversidade, esta muralha verde formada por florestas cultivadas ao longo de centenas de quilômetros, pode reverter o quadro climático local e garantir a sobrevivência de milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, presta-se para conter o alastramento das areias do Saara.

A respeito dos desdobramentos da campanha, afiançou Wangari Maathai em setembro do ano de 2009: *“Vamos plantar ainda mais árvores para comemorar essa realização maravilhosa, fruto da ação coletiva de pessoas de todo o planeta. Ao fazer da Campanha 1 Bilhão de Árvores tamanho sucesso, os habitantes de todos os continentes estão instando seus governos a realmente começar a cuidar do planeta e encontrar unidade no combate às mudanças do clima”* (Declaração feita à Rádio ONU).

Não menos importante, este valioso saldo da expansão das florestas é com certeza um argumento que terá peso significativo na Conferência de Copenhague, induzindo as autoridades mundiais em aceitar regras mais claras para a estabilização climática.

Isto significa que paralelamente ao replantio, o desmatamento e as emissões de gases devem ser detidos e retroagidos, de modo a dar esteio ao avanço das florestas. Um modo de vida sustentável, convivendo com os recursos naturais existentes e utilizando-os na capacidade de reposição dos ecossistemas (ensinamento do qual a aldeia tradicional africana constitui exemplo imemorial), também se coloca na ordem do dia.

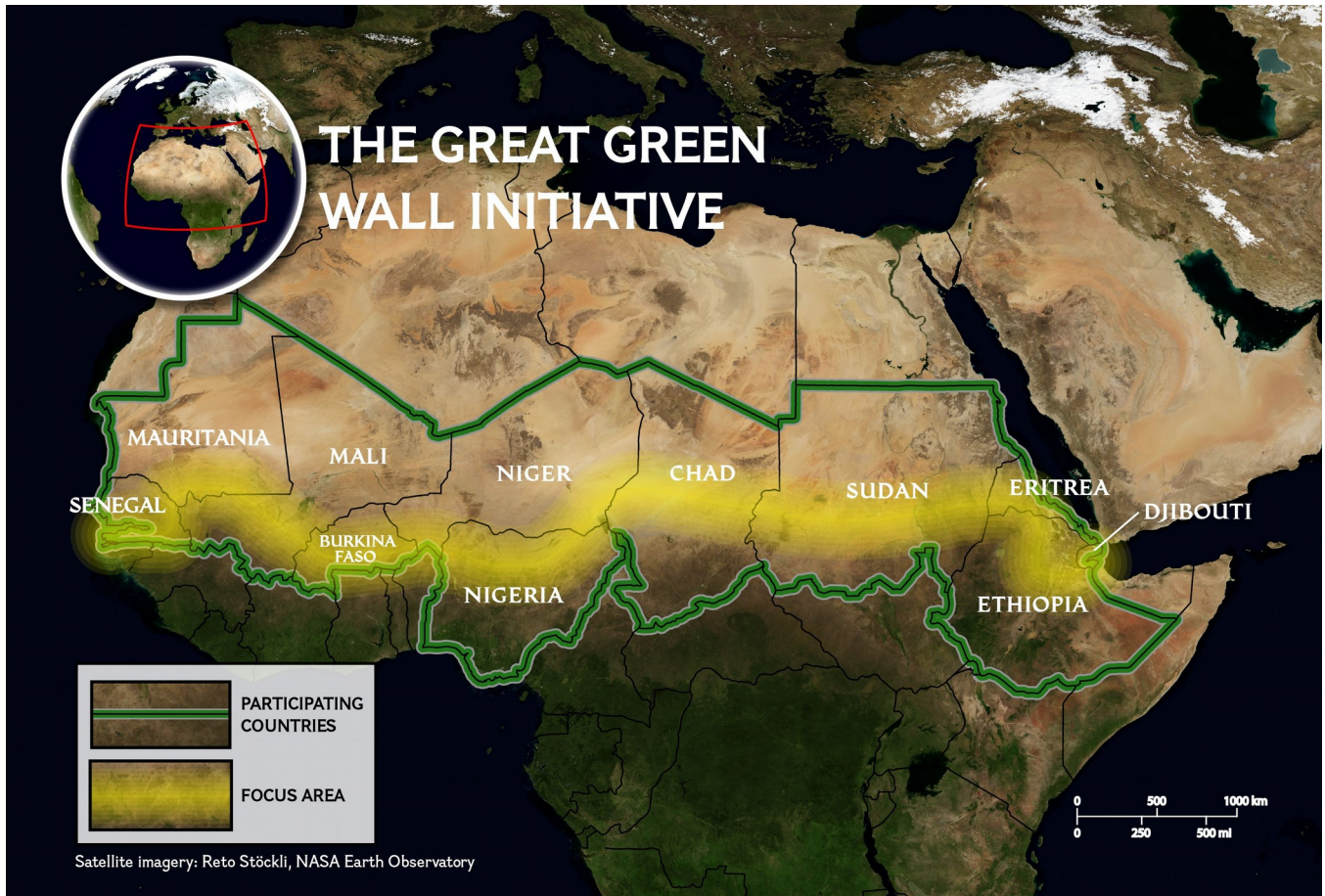


FIGURA 3 - Na África, os cientistas e governos trabalham duro para restaurar paisagens que antanho, foram ricas em biodiversidade e vegetação. Onze países da região do Sahel-Sahara - Djibouti, Eritreia, Etiópia, Sudão, Chade, Níger, Nigéria, Mali, Burkina Fasso, Mauritânia e o Senegal - se uniram para combater a degradação do solo, umidificar o ambiente, restaurar a vida vegetal nativa e conter o impacto das mudanças climáticas. Na imagem, a área sombreada de amarelo circunscreve as dimensões do *Projeto Great Green Wall Initiative*: Iniciativa da Grande Muralha Verde (Fonte: < <https://www.nationalgeographic.org/news/great-green-wall/> >. Acesso: 21-12-2017)

Na realidade, nada poderá ter efeito real caso os segmentos afluentes mantenham seu modo de vida perdulário, comprometendo o Planeta como um todo. Como lembram os africanos, as neves do monte Kilimanjaro não estão derretendo por conta dos gases de efeito estufa emitidos pela África, mas sim, pelas sociedades dos países afluentes.

Em termos de conclusões, tal aferição também suscita diversas outras considerações. Inteligivelmente, o que foi exposto até o presente momento é lapidar em termos de contestar as imagens costumeiramente endereçadas à África e aos seus povos.

Um destas, central na desqualificação não só do continente africano como do mundo negro em geral, diz respeito à suposta falta de iniciativa que caracterizaria o homem negro, sendo seus sucedâneos o subdesenvolvimento e o retrocesso social. O raciocínio sub-reptício é o de que nada é possível esperar de um continente gravado pelo atraso econômico e cultural.

Seguramente, trata-se de uma percepção que configura, mais que tudo, uma recidiva do secular preconceito racial, cujo pressuposto confesso subentende as populações do Hemisfério Norte como as únicas capazes de gerenciar os problemas mundiais.

Devemos esclarecer que tais invectivas são em primeiro lugar errôneas por ignorarem a realidade cultural do africano. A África avança como um trem na noite, seguindo trilhos próprios, muito diferentes dos estipulados pelo capitalismo ocidental.

Com efeito, pensando o continente com base nas metodologias lineares e alheias ao mundo vivido, próprias do pensamento ocidental, a África já deveria ter sido riscada do mapa há tempos. Em não tendo isso ocorrido, resta a salutar reflexão a respeito dos próprios parâmetros que equivocadamente, tem sido aplicados para julgá-la ³.

Outra ponderação diz respeito ao que alguns estudos definem como *movimento de justiça ambiental*, enraizado em muitos contextos do III Mundo, assim como no continente africano. Este movimento, que pensa a questão ambiental a partir da realidade de vida dos excluídos, perfaz um *ecologismo dos pobres*, atento às premissas de sustentabilidade de populações altamente vulneráveis aos desequilíbrios ambientais.

É este o contexto que explica a enorme repercussão das jornadas pelo reflorestamento mundial em segmentos sociais que, aos olhos de um “ambientalismo afluente”, seriam impermeáveis a este chamamento. Atentos às ameaças que rondam o cotidiano, são “os de baixo” os primeiros a tomarem consciência da necessidade de soluções concretas.

Com efeito, tanto em África quanto nos demais continentes, foram pessoas do povo as que mais abraçaram a ideia da campanha. Estimulando o plantio de espécies nativas adequadas aos ambientes locais, a mobilização testemunhou participação e entusiasmo das comunidades nas mais diferentes áreas de operação, algo que coloca em cheque o triunfalismo do *marketing* ecológico de várias grandes corporações ⁴.

Verdadeiramente, enquanto muitos países argumentam em termos de uma diminuição do recuo das florestas e festejam a divulgação de taxas menores de desmatamento, as

comunidades africanas arregaçaram as mangas e partiram com determinação para de fato enfrentar o problema, ampliando a área de florestas e não constrangedoramente diminuindo os desmates ⁵.

Por fim, restaria admoestar aos que ainda sustentam uma visão negativa sobre a África que o continente, além de não poder ser imputado com este estigma, tem, ademais, ostentado diversos feitos e empreendimentos bem-sucedidos. Angola, por exemplo, tem sustentado taxas de crescimento econômico na ordem de dois dígitos anuais; Moçambique, Gana, Nigéria, Ruanda e Etiópia tem de igual modo demonstrado forte protagonismo econômico, crescendo 6% ao ano.

No plano cultural, a Nigéria constitui atualmente, graças ao empreendedorismo de sua *Nollywood* (Acrônimo de Nigéria e de Hollywood), o segundo polo de produção cinematográfica do Planeta. Quanto aos direitos da mulher, Angola é recordista mundial em proporção de mulheres empresárias na economia, ao passo que nações como Ruanda e as Seychelles, se distinguem pela elevada proporção de mulheres em função parlamentar, das mais altas do mundo.

Além disso, países como a Libéria, hoje sob o comando da presidente Johnson Sirleaf, tem superado seus conflitos internos ao passo que outros, como Angola e Moçambique, se distanciam dos conturbados tempos do pós-colonialismo; também temos o caso da África do Sul, país que superou longo histórico de crises e que integra, a despeito das contradições da ordem global, a órbita das economias mundiais emergentes.

Como seria meritório ponderar, nada do que foi colocado condiz com as imagens cuidadosamente cultivadas pelo preconceito racial a respeito do continente, dos seus povos e das suas culturas.

Pelo contrário, a África, repudiando a imposição de uma imagem que não lhe diz respeito, se prontifica em participar da história humana a partir do que lhe é mais específico e singular, predisposição inseparável da condição de um continente que jamais abdica da esperança, este eterno inquilino do tempo e da memória dos homens.

Esta aferição se reatualiza quando se vislumbra o potencial criativo e a predisposição da África e dos seus filhos em construir um futuro melhor para o conjunto da Humanidade, contribuição inestimável em momentos nos quais a capacidade em enfrentar desafios que ameaçam o cerne da vida no Planeta, é vital para sua perpetuação.

A África, mãe da Humanidade e parteira da história humana, está orgulhosamente presente, novamente disposta a erguer pontes que nos ligam ao futuro, um caminho que passa diretamente pelo coração deste magnífico continente sem fim.

POST- SCRIPTUM

O GRANDE CINTURÃO VERDE AVANÇA!

Passados mais de doze anos do lançamento da proposta do Grande Cinturão Verde, dez da publicação deste artigo e outros oito da morte de Wangari Maathai, o momento é mais do que oportuno para registrar um balanço do andamento do projeto da Grande Muralha Verde.

Desafiando pareceres que colocavam em dúvida a capacidade dos africanos em levar adiante um programa de vastas proporções envolvendo muitos Estados soberanos e centenas de comunidades, o empreendimento apresenta hoje, evidência de sucesso indiscutível, motivando que fosse tecnicamente ampliado e aprimorado.



FIGURA 4 - *Banner* de divulgação do Projeto da Grande Muralha Verde divulgado pela Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (Fonte: < <https://www.unccd.int/actions/great-green-wall-initiative> >. Acesso: 6-05-2019)

A muralha não é mais entendida como uma faixa estreita de árvores ao longo da borda Sul do Saara, um corredor de quase 8.000 km de comprimento e 15 km de largura, do

Senegal a oeste até Djibuti no leste. O plano agora é cercar o grande deserto com um amplo cinturão árvores e arbustos esverdeando e protegendo a paisagem agrícola, incluindo iniciativas que buscam restaurar terras degradadas, combater a desertificação e gerar renda a partir da regeneração dessas áreas para as comunidades locais.

Institucionalmente, vários países do Norte da África aderiram ao programa, que deste modo, deixou de se restringir aos onze países subsaarianos originais da região do Sahel, passando a incluir nações eminentemente desérticas que antes, estavam ausentes da iniciativa. Tonificado com novos membros, o projeto conta nos dias que correm, com a participação de 21 países africanos.

No plano continental, a União Africana (UA), organização com 55 países-membros, e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) referem-se agora ao projeto como “a iniciativa emblemática da África para combater a degradação da terra, a desertificação e a seca”.

Atualmente, a Grande Muralha Verde adota como meta, além de conter o avanço das areias do Saara, a implantação de um mosaico de práticas de uso da terra que, em última análise, atenderão às expectativas de um grande cinturão agrícola.

Assim, as metas passaram a apontar para a restauração de 100 milhões de hectares de terra, fornecer segurança alimentar para vinte milhões de pessoas, criar dez milhões de empregos verdes e sequestrar 250 milhões de toneladas de carbono até 2030.

Este trabalho já está em andamento. Relatórios recentes registram que 15% das árvores resistentes à seca foram plantadas, em grande parte na República do Senegal, e 4 milhões de hectares de terra foram resgatados da aridez.

No Níger, esforços bem-sucedidos priorizando um ecologismo de base, tem contribuído para zerar a lacuna entre a ambição e a realidade do projeto. Embora seja um dos países mais pobres do mundo, os agricultores do Níger, e neste conjunto, uma fatia ponderável de camponesas (Figura 5), conseguiram revitalizar vastas áreas gravadas pela aridez com um numerário mínimo.

Na voz dos especialistas, o Níger observou a maior transformação positiva em toda a África, constituindo um exemplo para o mundo. Transformando as ideias em práticas reais, os agricultores nigerinos priorizaram a regeneração natural da terra, adotando métodos como reviver as raízes de plantas e abrindo poços em “meia-lua” para estocar

água. Literalmente, lograram ressuscitar árvores atormentadas por duras estiagens, cuidadosamente mantidas com trabalho comunitário.



FIGURA 5 - Camponesas do Níger abrindo poços em “meia lua”, nas extensões sahelianas do Norte do país (Fonte: < <https://edition.cnn.com/2016/09/22/africa/great-green-wall-sahara/index.html> >. Acesso: 6-05-2019)

Graças a estes métodos, o Níger ampliou sua fronteira agrícola em cinco milhões de hectares, protegidos por 200 milhões de árvores. Estima-se que este ganho em terra agricultável proporciona um adicional de 500.000 toneladas de grãos de cereais por ano, suficiente para alimentar 2,5 milhões de pessoas.

O investimento, de menos de US \$ 20 por hectare, contesta caros projetos estatais que consomem verbas de doadores estrangeiros, que se perdem muitas vezes no labirinto burocrático. Deste modo, o Níger já tem sua grande muralha verde. Agora, trata-se tão só de aumentar a escala.

Os parceiros da Grande Muralha Verde reconheceram o progresso do Níger e as lições foram incorporadas nos seus programas. Assim sendo, a FAO está liderando iniciativas no Burkina Faso e no Mali utilizando técnicas de conservação de água e culturas nativas,

produzindo resultados impressionantes, um trabalho de restauração do ambiente que é desenvolvido de baixo para cima, apoiado nas coletividades camponesas, e em especial, na participação feminina.

Em março de 2019, o muro exhibe ganhos significativos na Nigéria, no Senegal e na Etiópia. O Senegal, plantou mais de 11 milhões de árvores, a Nigéria, restaurou 12 milhões de acres de terras degradadas e a Etiópia, recuperou outros 37 milhões.

A distribuição de sementes foi expandida, e em muitos contextos, priorizando espécies nativas. Por sinal, muitas seções da muralha verde tornaram-se um polo propagador de um renascimento ambiental, augurando que no final das contas, Wangari Maathai estava absolutamente correta em acreditar na determinação da sociedade africana.

E nada mais contundente do que observar que sua crença foi amplamente respaldada em atos. A Muralha Verde consolidou-se e no mais, está em expansão.

O Planeta agradece!

Maurício Waldman, São Paulo, 7 de Maio de 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIER, Juan Martinez. *El Ecologismo de Los Pobres - Conflictos Ambientales y Lenguajes de Valoración*. Barcelona (Espanha): Icaria-Antrazyt-Flacso. 2008;

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Quilombos: Geografia Africana - Cartografia Étnica, Territórios Tradicionais*. Brasília (DF): Mapas Editora & Consultoria. 2009;

_____. *Coleção África-Brasil: Cartografia para o Ensino-Aprendizagem*. Brasília (DF): Centro de Cartografia Aplicada e Informação da Universidade de Brasília - Mapas Editora & Consultoria. 2007;

_____. *A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para uma África Desmistificada*. In: Revista Humanidades, n°. 22, Retratos da África, pp. 12-32. Brasília (DF): Editora da Universidade de Brasília (UNB). 1989;

BALANDIER, Georges. *África Ambigua*. Buenos Aires (Argentina): Sur. 1964;

BILSKI, Andrew. Africa's Great Green Wall: A Work in Progress. Artigo digital disponibilizado na Home-Page Landscape News em 3 de Agosto de 2018. Texto disponível *on line* em: < <https://news.globallandscapesforum.org/28687/africas-great-green-wall-a-work-in-progress/> >. Acesso: 6-05-2019. 2018;

BROWN, Lester. *Plano B 4.0 - Mobilização para Salvar a Civilização*. Edição impressa patrocinada por Bradesco. São Paulo: Ideia Socioambiental e New Content. 2009;

ELLIOTT, Lorraine. *The Global Politics of the Environment*. Londres (Reino Unido): Macmillan. 1998;

FERNANDES, Jôel Aló. *Integração para o Desenvolvimento da África: A Fusão de Blocos Econômicos*. Coleção Relações Internacionais e Globalização, n°. 23. Ijuí (RS): Editora Inijuí. 2009;

IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. *Guidelines for National Greenhouse Gas Inventories 2006*. 2006;

LEITE, Fábio. *Penyakaha*. Separata de África, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, nº 9. São Paulo (SP): CEA-USP. 1986;

_____. *Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas*. texto mimeo, in: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores (MRE). 1984;

LOPES, Carlos. *A Problemática do Meio Ambiente em Alguns Países Africanos* (Coordenação). Bissau (República da Guiné Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP). 1987;

MONKS, Kieron. *Can the Great Green Wall change direction?* Artigo digital disponibilizado na Home-Page da CNN International Edition em 26 de Setembro de 2016. Texto disponível *on line* em: < <https://edition.cnn.com/2016/09/22/africa/great-green-wall-sahara/index.html> >. Acesso: 6-05-2019. 2016;

MUNANGA, Kabengele. *Cultura, Identidade e Estado Nacional no Contexto dos Países Africanos*. In: A Dimensão Atlântica da África. Coletânea da II Reunião Internacional de História da África, pp. 297-300. São Paulo (SP): CEA-USP/SDG-Marinha/CAPES. 1997;

SUN FIRE COOKING: People and Environment Before Profit. Informação sobre uso doméstico da energia solar na África:
< <http://www.tucacas.info/sunfirecooking/SFCnewweb/index.html> >. Acesso: 20-12-2008;

UNCCD: United Nations Convention to Combat Desertification (Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação): < <https://www.unccd.int/actions/great-green-wall-initiative> >. Acesso: 6-05-2019;

WALDMAN, Maurício. *A Temática Africana em Sala de Aula*. Artigo publicado pela Revista África Magazine, edição de Setembro de 2009, pp. 30-31, publicação do Centro Cultural Africano de São Paulo (CCA-SP). Material incluído na Série Africanidades Nº. 25. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2019. Texto disponível *on line* em:
< http://mw.pro.br/mw/africanidades_25.pdf >. Acesso em 13-01-2017, 2019;

_____. *A Redescoberta da África*. Texto base da Conferência A Temática Africana em Sala de Aula, proferida no encerramento do IX Curso de Difusão Cultural Introdução aos Estudos de África, do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). Material incluído na Série Africanidades Nº. 25. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

Texto disponível *on line* em: < http://www.mw.pro.br/mw/africanidades_18.pdf >. Acesso: 11-04-2018. 2018;

_____. *Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*. In: revista GEOUSP - Espaço e Tempo, nº. 14, pp. 44-63. São Paulo (SP): Serviço de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 2003. *Paper* masterizado e formatado como *ebook on line* pela Editora Kotev sob o título *Cartografias do Racismo: Imaginário, Discriminação Racial e Espaço*. Antropologia: Coleção Temas Contemporâneos 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018. *Ebook* disponível em formato PDF em acesso livre na Internet no link: < http://mw.pro.br/mw/cartografias_do_racismo_01.pdf >. Acesso: 24-06-2018. 2018;

_____. *Arquétipos, Fantasmagorias e Espelhos*. In: revista GEOUSP - Espaço e Tempo, nº. 23, pp. 44-63. São Paulo (SP): Serviço de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 2008. *Paper* masterizado e formatado como *ebook on line* pela Editora Kotev sob o título *Cartografias do Racismo: Arquétipos, Fantasmagorias e Espelhos*. Antropologia: Coleção Temas Contemporâneos 2. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018. *Ebook* disponível em formato PDF em acesso livre na Internet no link: < http://mw.pro.br/mw/cartografias_do_racismo_02.pdf >. Acesso: 27-06-2018. 2018;

_____. *Memória D'África*. Entrevista concedida para a Rádio Voz da América sobre a percepção da África. Transmissão mundial a partir de Washington (EUA), Outubro de 2007. Arquivos de voz MP3 *on line* em: < http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_radio_voz_da_america&c=a >. Acesso: 14-11-2009. 2007;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, Volume 6. São Paulo (SP): Editora Senac. 2006;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula*. 3ª edição. São Paulo (SP): Cortez Editora, 2007.

1 Lições da Mãe África: O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas é um artigo que originalmente foi disponibilizado para a *Conferência África & Brasil: Mitologias da Exclusão*, proferida no III Seminário de Relações Interétnicas na Educação, em Poços de Caldas (MG), aos 20-11-2009. Posteriormente, sob o título *Lições da Mãe África: Uma Performance desconhecida do Ambientalismo Africano*, foi publicado pela Revista África e Africanidades, ano 2, nº. 8 (Fevereiro de 2010) e com o mesmo título, por Cultura - Jornal Angolano de Artes e Letras (Luanda, República de Angola), nº. 65, pp. 28-30, edição de 15-28/Setembro/2014. Esta edição eletrônica. Datada de 2019, disponibilizada pela **Editora Kotev (Kotev©)** para fins de acesso livre na Internet, preserva totalmente o teor original do material. A masterização do texto incorporou revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A edição de 2019 apresenta três imagens inéditas, incluídas com o fito de auxiliar na apreensão do tema, e de mais a mais, referências bibliográficas para os desejosos de um maior aprofundamento temático. **Lições da Mãe África: O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas** é um material gratuito, sendo vedada qualquer forma de reprodução comercial e divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. As citações de **Lições da Mãe África: O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas** devem obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Lições da Mãe África: O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas*. Série Africanidades Nº. 19. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2019.

2 MAURÍCIO WALDMAN é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo e antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente, atuando como Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. No campo do conhecimento

africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista eletrônica Contemporartes (Curitiba), Instituto Portal Afro (São Paulo) e diversas Home-Page com foco em África. É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS, Paris), o mais influente centro de investigações mantido da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

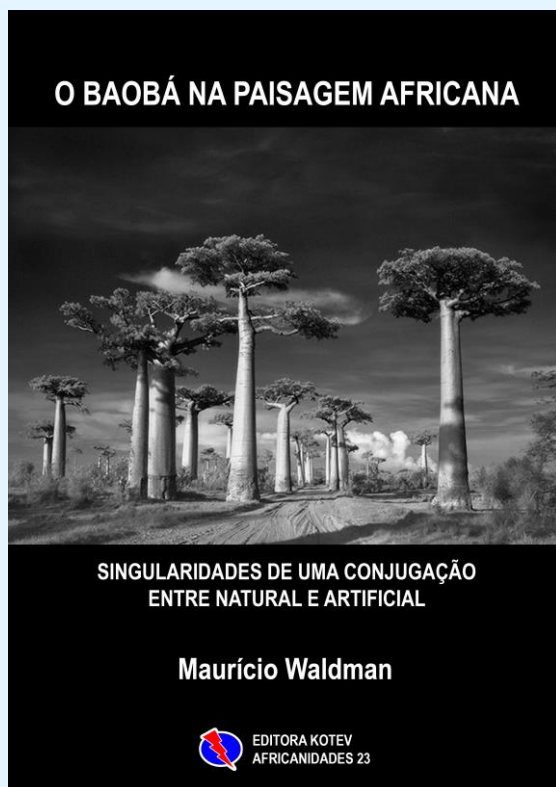
3 “Diz-se que a economia africana é um mistério, que o continente africano acumula atrasos, que sua cultura se acomoda mal às regras capitalistas. Tem-se pena ao ler os relatórios internacionais que anualmente avaliam o nível de vida em África. É questão por toda parte de baixa renda *per capita*, do recuo da produção, da compressão da poupança, da fuga de capitais, da destruição da única infraestrutura que o colonizador tem deixado, sem esquecer os fatores exógenos à economia como o crescimento das epidemias, o fogo da guerrilha e da fome, muitas vezes confundida com má nutrição. Todas estas calamidades já teriam feito de muitos países africanos espaços mortos no mundo. Se jogarmos e cruzarmos em um supercomputador os índices econômicos de uma economia capitalista, podemos chegar à conclusão de que muitos países africanos já estão mortos. Ora, basta aventurar-se entre o trópico de Câncer e do Capricórnio para perceber ao vivo a realidade de uma outra África, viva e alegre, onde se diz com certo humor que a situação é sempre grave, mas nunca gravíssima. Desse continente cheio de escórias surgem pepitas humanas, cineastas, músicos, esportistas e também

homens e mulheres que inventam dia após dia sua sobrevivência, escapando dos critérios cartesianos de desenvolvimento edificadas pelo homem ocidental” (Cf. MUNANGA, 1997: 299).

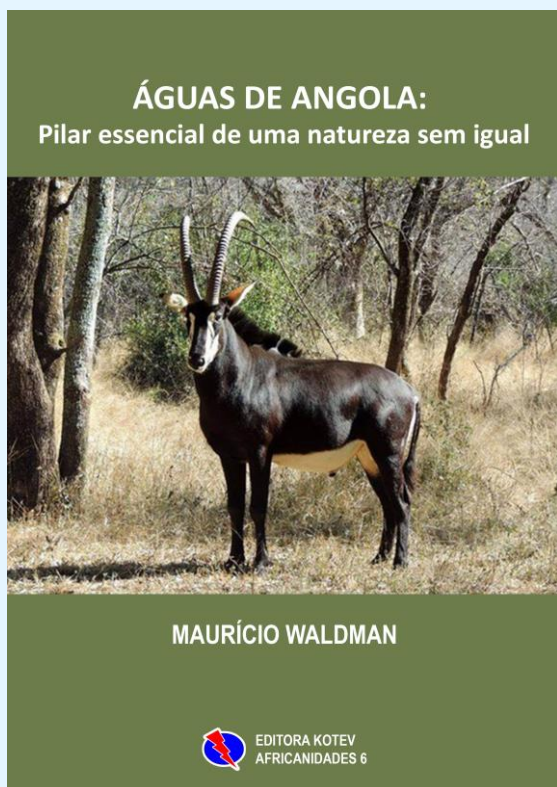
4 De acordo com dados das Nações Unidas, o setor privado foi responsável, em nível global, por uma fatia entre 6 a 15% das árvores plantadas, o que mais uma vez confirma o papel desempenhado pelos movimentos sociais e pessoas do povo.

5 A contribuição do Brasil tem sido muito aquém das suas possibilidades. Em 2007, o país plantou somente 16 milhões de árvores, número largamente superado pelo coeficiente de desmatamento da Amazônia.

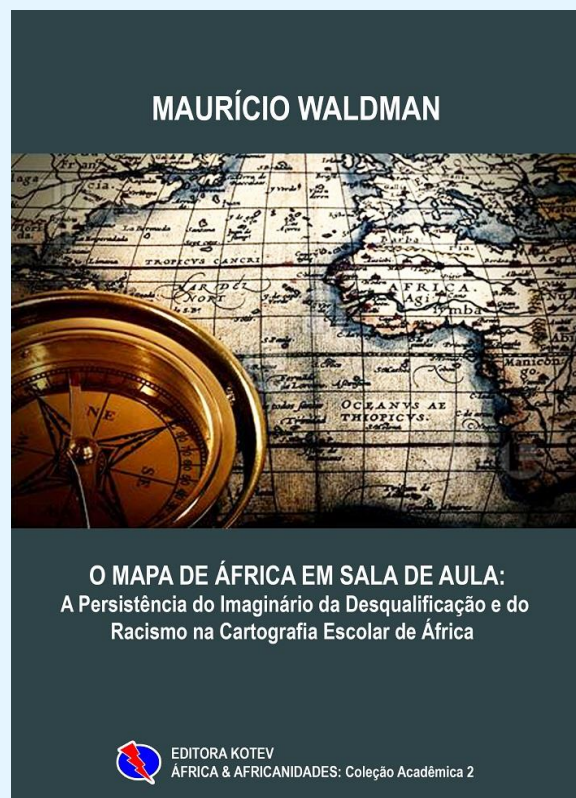
SAIBA MAIS SOBRE ÁFRICA: TÍTULOS E EBOOKS KOTEV



http://mw.pro.br/mw/africanidades_23.pdf



http://mw.pro.br/mw/africanidades_06.pdf

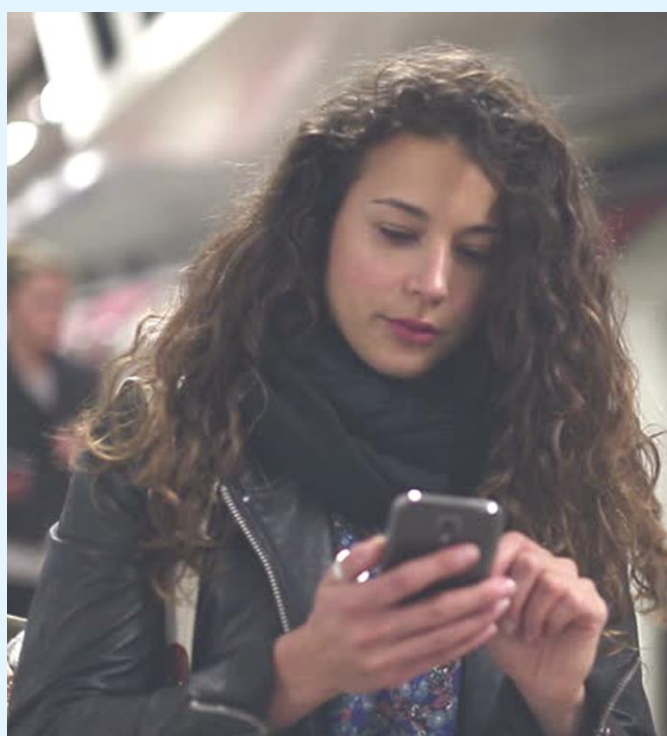


http://mw.pro.br/mw/africanidade_espaco_e_tradicao.pdf
http://www.mw.pro.br/mw/o_mapa_de_africa_em_sala_de_aula.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br